

A' proposito da chamada -- poesia scientifica

I

Será talvez audacia firmos hoje, sem authoridade alguma votar um protesto contra um impavido radicalismo que invadio parte de nossa mocidade estudiosa, e que, coadjuvado pelas auras libertinas da nossa indole, vai-se ingerindo affoutamente em questões que aliás jazem em terreno neutro, taes as que se referem ás bellas-artistas, que pretendem derribar de seus traditionaes alicerces, construindo novo pedestal que pensamos jámais existirá.

Dizemos estar convencidos do erro radical em que laboram aquelles que, possuidos ou possessos de um soberbo methodo positivo que é a gloria scientifica do nosso seculo, arrogam-se tambem o direito de chamar á seu gremio as musas innuptas da arte e da poesia para aprenderem um novo methodo de canto, e dar-lhes um novo plectro destinado á arrancar da lyra notas mais firmes, mais accentuadas, mais graves, mais serias; e applicar-lhe um remedio

eficaz contra os loucos transviamentos da phantasia, proprios para engodar erianças.

Essa nova escola ha de propagar-se com espantosa rapidez em todas as cabeças refractarias ao bello, em todos os temperamentos impermeaveis á poesia; e é por esse motivo que vimos assumir um posto de combate, e allegar considerandos que moderem um pouco o furor dos que dão por definitivamente concluida a era dos trovadores. Essa inercueta polemica de gabinete nem por isso deixa de ter a gravidade que o seculo outorga á todas as especulações do espirito, sob os auspícios desse altissimo criterium, filho legitimo da liberdade, o qual sellando de uma vez o exclusivismo e a vaidade, entrou em nosso tempo tendo na frente o emblema do genio da humanidade, no coração a imagem do Christo, nas mãos o sceptro da razão e o dogma da caridade, na physionomia a benevolencia e a tolerancia e na retina dos olhos a impressão luminosa de alguma coisa que scintilla por entre as nevoas espessas do futuro.

II

Alinhavaremos um arrazoado á vol-d'oiseau, com bem receio de que nossa rethorica succumba obsessa n'um quadrado de erudicção cerrada, em que a pobre tenha de entregar-se com armas e bagagens, e em jejum.

Mas, por fraca e impotente que seja, ella, a nossa rethorica, está convencida do que diz e não tem medo de fogueiras; e como póde ella parecer nebulosa aos que tem constantemente engatilhado o — porque — sobre a bocca daquelles que discorrem sobre qualquer assumpto, á esses aqui vai a resposta, á guiza de profissão de fé. O espirito do homem, resumo, synthese de toda a natureza animada, ultima e suprema de mão da força creadora, o espirito do homem, quer queiram quer não, é essencialmente mathaphysico. Essa palavra tomamola sob sua genuina acceção, perfeitamente expurgada de escolastica; essa sublime e irresistivel curiosidade que, como diz o Jupiter de Weimar, está na sciencia e fóra della, antes, agora e depois. Para os

antigos não passava ella de uma vasta rede armada pelo raciocinio para penetrar a essencia das causas e como tal ficou systematisada n'um vasto corpo de doutrinas sem unidade, diffusas, obscuras e enleadas n'uma casuistica sem sabida. Hoje, porém, ella existe porque não pôde deixar de existir, porque é a consequencia dessa intuição fatal que nos persegue, genio do ignoto, sphinge phosphorescente e impalpavel que arrasta-nos a intelligencia ao confim das cousas. E basta de preludio.

III

D'onde vêm que ao contemplarmos as madonas de Raphael, o Moysés de M. Angelo, os relexos de Phidias no Parthenon, ao escutarmos as melodias do cysne de Bolonha e dos rouxinões de Zingarelli e Campinas, ao lermos Shakespeare, Hugo, Dias, Varalla, d'onde vem que surge á nossa imaginação um mundo magico á transbordar de emoções, estremecimentos, enthusiasmo, illusões, crencas, perfumes, luzes, esperanças? Que incendeia a mente dos mais parcos, que derrama no coração uns choques inefaxeis fazendo esquecer as chatezas da vida?

D'onde vêm que de elementos materiaes, esparsos, contingentes, taes como as côres, o som, a pedra bruta, a linguagem articulada, consegue o homem extrahir aquillo que é a summa de tudo que o entendimento humano pôde attingir, o Bem e a Verdade manifestados pelo Bello, trindade — unidade, harmonia suprema, ideal dos ideaes, Deus?...

A Arte, realisação do Bello; O Bello—esplendôr da verdade, segundo Platão; a Verdade, que não pôde deixar de ser o bem.

O poeta, o artista, em toda a força da palavra, microscopio insciente, predestinado, sente e canta; é maripoza de uma Luz que nós não vemos, nós, burguezes sem ideal; Luz que banha a alma dos eleitos de seculo em seculo, e que para até cá chegar decompõe-se nesse prisma em milhares de variegados raios que vem animar a tela, o marmore, a voz, o papel.

A poesia é um sacerdocio, a sciencia é uma missão. *La science est perfectible, l'art, non.* Confundir no vasto eadinho do progresso scientifico de nosso seculo poetas e sabios, artistas e pensadores é uma hybridação. O Tempo, o infallivel chimico, nunca conseguirá realizar completamente tal fusão.

IV

O Bello é o Bello.; é uma formula empirica nascida da Imaginação e do Sentimento, duas entidades eternas e profundamente inherentes á natureza humana. Sua theoria está envolvida mysteriosamente nos refolhos d'alma.

A poesia baseada na sciencia é um sonho.

O genio de azas brancas que em noite estrellada sus-surra aos ouvidos do poeta as harmonias infindas do vidente; a Poesia da tradição, ora cantando na tuba as epopeias das gerações grandes e fortes, ora tirando do alaude as notas plangentes, lagrimas eternamente crystal-lisadas, ora dedilhando na lyra os hymnos á tudo o que ha de grande, de nobre e de bom, essa, consolo das miserias mundanas, doce repouso ás frentes amarguradas, refugio ás decepções philosophicas, oasis aos aridos trabalhos da sciencia, fluido mysterioso que renne o espirito das idades n'um hymno unisono ao Creador, essa é livre, é soberana, é independente. Filha dilecta da Imaginação e do Sentimento, ahi reside sua razão de ser, sua força intrinseca. Querem separar a mãe da filha, interpondo um arsenal de telesco-pios, microscopios, retortas, pedra, giz, flecha e fosseis ante-deluvianos. A nós parece-nos esse proceder mais absurdo do que as loucas phantasias dos poetas que vòm estrellas ao meio dia e mosquitos por cordas. E' o que pro-curaremos provar.

U. D. O.

(Continúa.)

A' proposito da chamada—Poesia Scientifica

V

Telher os vãos da Inspiração e as vertigens do cerebro, apagar os lumes da phantasia e os deslumbramentos da Imaginação, condemnar todas as grandes emoções e arrebatamentos do espirito; e substituir essas scintillações, esses divinos subjectivismos do sensorio e do pensamento, por um objectivo *positivamente bello* que deva ser cantado em choro pela Humanidade soberana e una, é utopia. É sonho, cuja realisação só terá lugar quando os seculos se consummarem na voragem do Tempo. nunca.

Mutilar a santa Poesia no leito de Procueto do finito, do relativo, do condicional, ella, que tem sempre o olhar mergulhado no infinito, no absoluto, é profanação. Pretender transformal-a em secretaria particular, em copista habilidosa e *bon enfant* de tudo o que a razão conquistar por via das sciencias de observação e experiencia, mesmo

que sejam prodigios de talento e de trabalho ; envia-a depois ajudada, sabia e circumspecta á cantar as glórias do esforço humano, em estrophes substanciaes, positivas, saturadas de preceitos e leis martelladas entre o metro e a rima, pretender que ella escravise-se á isso, é desconhecer a sua essencia intima, é não ter verificado que suas radículas só podem absorver a seiva vivificante, lá onde a observação e a experiencia não tem accesso, lá onde a vara magica da intuição desvenda a região das eternas auroras, onde, preso nas garras de omnipotente condor, o hallucinado escuta o concerto das espheras no hymno do amor universal.

VI

A poesia didactica, que tem por divisa instruir deleitando, é o preludio á chamada Poesia do futuro, vasta epopeia baseada na sciencia, complexa, symphonica, grandiosa, na qual a humanidade, consciente, poderosa e solidaria entoará o hosanna á si mesmo. Nobre aspiração, fanal indistincto e apenas entrevisto, e que, sobre o que traz de bom e justificavel, acarreta um punhado de proselytos intransigentes, innovadores á prova de bala, que em super-excitação scientifico-nervosa, intentão selapar pela raiz a actual ordem de cousas, quando para a nova reedificação existe apenas a primeira pedra; não querem ver nas creações da arte e da poesia no passado senão documentos historicos ou meras curiosidades archeologicas, productos da tradição já cançada, lantejoulas mentirosas, paradeiro ao progresso real e completa inutilidade em vista dos valentes e proficuos commettimentos da razão, do bom senso, etc., etc., etc.

Aos mestres na materia não merece isso as honras de uma contestação ; nós, porém, o mais insignificante dos que manejão a penna, protestamos com energia, com a energia de quem repelle um desafio descommunal ; para esse fim nos constituímos procurador bastante da phalange luminosa que emerge no pó das idades sumidas á reclamar justiça, dos trovadores immortaes que em todos os tempos e em todos os paizes embalarão a humanidade á musica de seus cantos, e que hontem, hoje, amanhã, restarão sobranceiras á todas as philosophias, quer deductivas quer inductivas, quer naturaes quer systematicas.

Dizer que os poetas lyricos, mas os verdadeiros, aquelles que em lettra morta inda hoje fazem vibrar nossas fibras,

aquelles que só soberão amar e aspirar, cujas estrophes são outros tantos pedaços do coração, d'aquelles que, como confessa o adoravel Musset:

« *Les festins humains qu'ils servent à leurs fêtes ressemblent la plupart à ceux des pélicans* » o pelicano que dá seu proprio coração a comer aos filhos; afirmar que são elles uns patetas, uns vagahundos, sem utilidade alguma....

Mas quem o affirma é o Sr. Gavicho....

VII

Nunca conseguirão cortar as azas á Poesia, nunca conseguirão desalojar-a do seu altar nas ultimas dobras da alma, de onde vem esse perfume que se impregna profundamente nos versos diamantinos ou na oração inspirada; jamais poderão pejar-a em preceitos ou compendios. O esmagador *non possumus* do positivismo, formula de grande proveito em sciencias positivas, é de perfeita incapacidade physica, moral e intellectual no assumpto que nos occupa.

São accusados os poetas de se contraporem deploravelmente ás verdades fundamentaes da sciencia, e acastellarem-se n'uma tão estordia quão esteril phantasia; até ahi vamos nós e todos os homens sensatos; mas isso só se entende com os pseudo-vates que à cata do original e do sublime só alcançao o trivial e o extravagante, choramingando carmos hypotheticos em tiradas lamurias que fazem rir a gente.

Mas por nada derribarão de seu throno glorioso os artistas por direito divino, em cujas veias gyra o sangue da grande raça d'elles; organizações privilegiadas, orgulhos da especie humana, a sua gloria é para bem dizer independente da acção do tempo e jaz serena e tranquillã em suas obras.

As revoluções artisticas e litterarias que se tem succedido nas civilisações classicas nunca tiveram caracter radical; têm sido apenas diferentes modos de ser na realisação do bello, attinentes ao tempo, lugar e indole peculiares. As estheticas especiaes, de que se originão outras tantas escolas, não são mais que modalidades infinitamente variadas e contingentes do mesmo principio, que é a suprema belleza harmonizada com a suprema força. Alguns, mui poucos, sentirão-no; é a esses que se applica a maxima do poeta-titan: *L'art, c'est la région*

des Egauz. A definição de Byron — a arte é a natureza através o homem — é a nosso ver a mais completa, e justifica perfeitamente o que acabamos de dizer sobre a variedade de suas manifestações e a unidade de suas vistas. Os brilhantes artistas dos templos gregos e os operários desconhecidos e humildes das cathedraes gothicas tem o mesmo direito à admiração universal e não se destroem em cousa alguma.

Porque? porque o Ideal os illuminava, porque querião o Bello em si, autonomo: e quem não o quizer assim, quem não cultivar a *arté pela arte*, (formula tão controvertida, tão combatida) quem tentar arredar d'ella o ideal, desviou-se, desviou-se do caminho, e não chega nunca. A poesia inspirada na sciencia quer transformal-o, desvirtual-o e deslocar-o. A poesia realista quer matar-o.

A litteratura-espelho, a litteratura-bistouri, como a chama um poeta portuguez filiado ao realismo, é quicá legitima, porque é a expressão do pensamento hodierno; mas tal processo em poesia é uma invasão brutal, ephemera, viciosa, incompativel. Durará o tempo que durou a rosa de Malherbe.

Por ora nos contentamos em *trancher nettement* a questão, reservando-nos para em occasião mais propria adduzir razões que comproxem a nossa asserção.

VIII

A arte não se avassalla ao progresso e nem obstrue o seu caminho; a sua soberania é inalienavel; o artista não é um instrumento; collabora na civilisação, mas não é ahi que está sua missão; a luz que o fascina não é a que attrahe os pensadores e os philosophos.

Não é. As obras, doutrinas e systemas d'estes, contendo um certo numero de verdades parciaes e proveitosas, vivem apenas uma manhã na historia. Cada livro de sciencia que surge annulla os precedentes, porque ahi domina a lei do progressivo: Mas o sublime é sempre igual a si mesmo e falla ao nosso espirito com perenne intensidade. Sim. A epopeia Dantesca, por exemplo, esse *absurdo*, toda inspirada pela musa orthodoxa, profundamente theologica, imbuída de dogma até o amago, subsiste integra e indestructivel sobre todas as evoluções do progresso, de qualquer natureza que sejam. Porque razão nós, os filhos da prosa, da critica

e do raciocínio, sentimo-nos sacudidos por invencível emoção quando o tetrico Florentino nos leva á visitar a cidade das eternas dores, esse phantasma medieval que aliás hoje só se impõe ás massas ignaras? —

Porque isso? Porque o poeta sente o que diz; porque pela alliança da fé e do genio, da colera e do amar, do sentimento e da imaginação, nasceu esse poema cyclico em que ausculta-se o fundo palpitar de um povo e de uma epocha, consubstanciados em uma individualidade portentosa. Dez batalhões de livres pensadores não escalarão o reducto de sua gloria.

Não queremos dar fim á esse nosso desconchavado escripto sem transcrever um trecho do monumental discurso proferido pelo padre Ribeiro da Costa por occasião das exequias de A. Herculano — A arte, posto que requeira aos seus cultores observação e estudo, tem como agentes principalissimos a intuição e a phantasia; a intuição é sempre uma vibração luminosa e rapida, e a phantasia reveste os seus eleitos de decorações tão peregrinamente sorprendentes, que ver-lhes é ficar-se logo embebecidos n'ellas e alheados de tudo que lhes pareça estranho. Ao invés disso a Sciencia, que é uma analyse impertinente, morosa, toda encrespada de duvidas, e por mais longe que a levem, surde sempre, como marco morvel e inconquistavel uma interrogação, um mysterio. Bem certo que se ao homem fosse dado, pela só virtude de suas energias, alcançar o infinito, não seria com a ideia que elle realisasse o prodigio, seria com o sentimento.

Divisão fundamental, distincção angular e marcada! Da absorção de uma cousa pela outra resultará apenas uma confusão de cousas heterogeneas. Sem excluirmos, com independencia mutua, harmonia consentanea, dignidade propria, a Arte e a Sciencia, cada qual visando seu alvo, saudar-se-hão como irmãs, mas nunca se fundirão como consortes, porque a segunda jamais conseguirá penetrar os arcanos da primeira.

U. D. O.